

A ARTE NA ESCOLA E O CONHECIMENTO DO SENSÍVEL

Josélia Schwanka Salomé – UTP

Resumo: Este trabalho discute questões que envolvem o conhecimento sensível no ensino da arte. Este saber, não valorizado na modernidade, vem provocando uma perda da sensibilidade e um crédito maior ao pensamento racional, à instrumentalidade e funcionalidade do homem e das coisas que o cercam.

Palavras-chave: ensino da arte, artes visuais, conhecimento do sensível

Abstract: This paper discusses issues that involve the sensitive knowledge in the teaching of art. This kind of knowledge, which doesn't have much value in modernity, has been causing a loss of sensitivity and a greater claim to rational thought, to the instrumentality and functionality of the men and the things around them.

Keywords: teaching of art, visual arts, knowledge of sensitive

Precisamos de uma real arte-educação, e não de uma 'arte culinária' cuja receita principal é cozinhar-se em fogo brando os corações e mentes das novas gerações, para servi-los no grande banquete do desenvolvimento industrialista.

(DUARTE JR. 1986, p.84)

No momento em que se discute a educação reforçando a importância de trabalhar na escola conteúdos significativos de forma que se possibilite o acesso ao saber elaborado a todos os que se encontram na escola, é imprescindível assegurar o espaço da arte na educação enquanto objeto de expressão e conhecimento.

Porém, as diferentes concepções de arte presentes na escola raras vezes garantem o seu ensino na perspectiva de trabalhar o conhecimento de forma que o homem seja capaz de inserir-se na realidade de maneira crítica e criadora e emancipar-se das formas alienantes e domesticadoras que sobre ele se impõem.

Se a educação, referida sempre a uma sociedade concreta e historicamente situada, preocupa-se com a formação de um homem determinado, é importante pensar em que homem se pretende formar.

Na teoria marxista o homem produz dentro de um sistema capitalista produtos que passam a serem distantes de si mesmo, rebaixando-o a escravo dessas produções. Esse processo de trabalho aliena o homem de seus produtos e limita as suas possibilidades de humanização e de realização.

El concepto de alienación y de su separación se convirtió en la clave de dicha interpretación. [...] La emancipación del hombre de esas cadenas sólo es posible cuando el trabajo deja de ser la producción de unas mercancías para la vida o los beneficios y se convierte en la objetivación creadora del hombre en las obras creadas por él. (SUCHODOLSKI, 1977, p. 141)

São dois aspectos presentes nessa contradição: por um lado o trabalho enquanto fator de humanização e por outro o trabalho enquanto alienação do homem. É com relação ao primeiro fator que se pretende desenvolver a discussão sobre o papel da arte na educação e na sociedade capitalista, entendendo que é, através do trabalho, que o homem se torna propriamente humano, é onde se dá a sua produção da existência, criando e produzindo a si mesmo.

Ao caracterizar esse homem, Marx e Engels apontam os aspectos relacionados às forças produtivas como motriz para a transformação, onde

[...] todo lo que el hombre produce y la forma en que lo produce, constituyen el factor fundamental que forma su conciencia, su postura, sus conceptos y sus experiencias. [...] Marx e Engels sostuvieron una concepción resultante del análisis de las condiciones materiales de existencia y de la actividad material de los individuos. (SUCHODOLSKI, 1977, p.76)

Daí a necessidade da arte-educação ser estudada dentro da sociedade capitalista, como um processo que permitirá ao homem a sua humanização, possibilitando o acesso aos conhecimentos elaborados pelo homem no percurso da sua história, possibilitando assim humanizar-se nesse processo, percebendo-se agente no meio social onde vive.

Mas para que isso se torne viável, é preciso uma prática educativa que vise compreender a natureza da educação como sendo um fenômeno propriamente humano e cuja especificidade se dá na conversão do saber objetivo em saber escolar, socializando o saber acumulado histórica e cientificamente pela humanidade.

Para Saviani, (2003, p.13)

[...] o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta de formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

Sob esses aspectos, a arte na escola é uma atividade criadora aliada ao conhecimento artístico que, quando trabalhada como meio de formação dos sentidos humanos, propiciará o desenvolvimento de uma atitude crítica frente o mundo que cerca esse homem.

E aqui reside a importância do trabalho significativo com a arte na escola. Mas este trabalho está atrelado à condição de a escola, incluindo aqui o professor, definir qual a concepção de arte que norteia o trabalho pedagógico. Isso não é tarefa simples, pois as buscas por definir o conceito de arte fizeram surgir várias concepções divergentes na história da humanidade, pautadas em crenças pessoais e diferentes visões de mundo.

Dentre essas concepções temos a que aceita a arte como sendo um produto de indivíduos dotados, que criam as obras de arte por uma inspiração divina responsável por lhes conceder o dom para tal.

Em oposição a esta concepção, “o materialismo dialético afirma a arte como um produto do trabalho humano espiritual-material, como uma forma de expressão e de conhecimento de uma dada realidade, historicamente datada” (PEIXOTO, 2003, p. 50). A arte permeia a vida do homem desde os primórdios da humanidade, portanto, sua conceituação vai estar intimamente relacionada ao período histórico no qual se situa, no modo como os homens pensam o mundo e suas vidas.

Essa argumentação leva a reforçar a questão do fundamento comum da arte e do trabalho que está na capacidade criadora do homem, revelada na expressão e na produção de um objeto.

A arte é trabalho, mas um trabalho verdadeiramente criador, na medida em que a capacidade de humanizar os objetos, de objetivação do homem neles, não tropeça com as limitações impostas no trabalho habitual por sua função utilitária. Sua utilidade é fundamentalmente espiritual; satisfaz a necessidade do homem de humanizar o mundo que lhe rodeia e de enriquecer com o objeto criado sua capacidade de comunicação. (VÁZQUEZ, 1978, p. 204-5)

Na medida em que a arte perde o seu caráter de criação e liberdade, deixa de ser trabalho enquanto produção da existência do homem e passa a ser trabalho enquanto produção material capitalista.

E é essa a arte que está disponível para a grande maioria da população: uma arte que visa manipular consciências em prol de um ideário capitalista, no qual os homens consomem produtos artísticos desprovidos de uma real estética e tem no artista e na arte um mundo inacessível e distante.

Para Vázquez (1978, p. 294)

Na sociedade capitalista, há milhões de homens com os quais um verdadeiro artista não pode dialogar. Para milhões de homens, romperam-se as pontes que deveriam colocá-los em relação com a arte.[...] Deste fato, ou seja, do fato de que , na sociedade burguesa – como manifestação profunda da hostilidade do capitalismo à arte – o artista se divorcie necessariamente das massas, já que não pode descer ao nível delas, nem estas querem ou podem elevar-se ao nível da arte; do fato de que o artista não pode aspirar hoje a compartilhar a sua mensagem como os milhões de seres humanos que o capitalismo mantém em sua condição de homens-coisa; deste fato histórico – divorcio real, efetivo, entre as artes e a massa – alguns deduzem que a arte de nosso tempo deve ser necessariamente uma arte minoritária, para iniciados ou eleitos.

Essas criações serão os motes das discussões sobre a relação entre arte, artista e sociedade, na medida em que estes são condicionados pelos determinantes históricos. E é através da apreciação das produções artísticas presentes na história da humanidade, que o ensino da arte propiciará o sentido do reconhecimento desta enquanto um processo de criação dos homens, se configurando no desenvolvimento de uma atitude diante de todas as formas de expressão, oportunizando a experiência estética.

Desta forma é por meio da apreciação das obras de arte presente nos diferentes espaços e tempos históricos, que o homem poderá perceber que a história vai determinar as variantes das manifestações artísticas, entendendo estas manifestações como produtos das ações humano-culturais.

Na escola, além destes aspectos supramencionados, a apreciação refere-se às práticas que envolvem a percepção, a interpretação e a decodificação do que se está observando, tanto em se tratando do que o artista produziu como a sua própria produção e a dos colegas.

O apreciar as produções artísticas presentes na história da arte, vai revelar aos alunos os modos de significar o mundo, oferecendo subsídios para o processo de criação, quando da combinação e ordenação de imagens, fatos, idéias e sentimentos que irão refletir a realidade percebida, imaginada e/ou idealizada destes alunos.

Assim, a produção do aluno deixa de ser um mero fazer, uma reprodução de técnicas, para tomar a dimensão de conhecimento a partir da apropriação das diferentes linguagens em seus trabalhos.

Tanto a produção cultural historicamente desenvolvida pela humanidade, quanto a dos colegas ou a pessoal, tem importância neste processo de aprendizagem sobre arte. Daí ser fundamental proporcionar oportunidades de acesso às diferentes linguagens artísticas, para que, ampliando o seu universo cultural, o aluno amplie seu repertório pessoal e conseqüentemente seu potencial criador.

Ao se desenvolver este trabalho, estará se proporcionando ao aluno a possibilidade de compreender a produção do artista como um trabalho de seleção, reordenação e criação de signos utilizados como linguagem aos seus pensamentos, emoções ideais e idéias, nos quais a arte não reflete necessariamente a realidade, mas sim como ela é percebida, entendida, imaginada ou idealizada.

Como afirma Kosik (1995, p.128)

O caráter dialético da práxis imprime uma marca indelével em *todas* as criações humanas. Logo também sobre a arte. Uma catedral da Idade Média não é apenas a expressão e imagem do mundo feudal, é ao mesmo tempo um elemento da estrutura daquele mundo. Não só reproduz artisticamente a realidade da Idade Média, mas ao mesmo tempo também a produz artisticamente. [...] A realidade, portanto, é conhecida e o artista apenas a reconhece e ilustra. A obra de arte, porém, não é um reconhecimento das *representações* da realidade. Sendo obra e sendo arte ela reconhece a *realidade* e ao mesmo tempo, em unidade indissolúvel com tal expressão, *cria* a realidade, a realidade da beleza e da arte.

A arte enquanto produção humana torna-se irrepitível, pois expressa o ser social e histórico que a cria, assim como a visão de mundo e da realidade que cerca este indivíduo. Além disso, a apropriação das técnicas e dos materiais utilizados na produção artística é vinculada à época no qual a obra foi

elaborada tornando-se uma particularidade daquele momento histórico, mas que pode e deve ser apropriado ao longo do percurso histórico da humanidade, tornando-se atemporal.

E é sob esse ângulo de visão que o trabalho com arte na escola vai possibilitar o desvelamento do olhar para essas questões, fazendo com que o acesso e o contato com os conhecimentos artísticos propiciem para uma prática social viva e transformadora.

Nesse sentido, o encaminhamento dado à área precisa estar pautado no conhecimento das questões filosóficas, históricas e metodológicas que possibilitarão entender a arte como forma de expressão e conhecimento.

Deve-se considerar o fato de que a arte, além de possibilitar que conheçamos os nossos sentimentos, propicia o desenvolvimento desses, aprimorando-os pela convivência com a arte, pois “quanto maior é o contato com a arte, maior a bagagem Simbólica para ‘representar’ e, conseqüentemente, compreender as minúcias do sentimento.” (DUARTE JR, 2000, p.106)

Desta forma, ao entender a arte como uma obra aberta, ou seja, o seu sentido se completa com a atuação do espectador, a compreensão desta se dará através da reflexão sobre o que se está vendo, convertendo em subsídios para a compreensão da sociedade e do mundo no qual estamos inseridos.

A utilização de imagens nas aulas de arte como uma possibilidade de ensino e de aprendizagem, necessita de uma fundamentação teórica consistente, onde o professor conheça a linguagem da arte tanto no seu aspecto teórico quanto no aspecto do processo de criação artística. Se o professor não experimentar a produção artística, as aulas de Arte certamente estarão comprometidas no que concerne à intervenção deste na ação de criar e produzir, pelo aluno.

Cabe salientar que, apesar das imagens fazerem parte do cotidiano do homem contemporâneo, são poucas as relações visuais estabelecidas entre ambos e menores ainda as relações significativas, o que implicaria num olhar mais reflexivo sobre o que nos cerca.

A publicidade, neste século XXI, tem na imagem uma presença obrigatória e que diz às pessoas o que devem fazer, o que devem valorizar,

necessitar ou desejar. A leitura destas imagens seria um meio para a conscientização dessa tentativa de imposição de valores por parte das mídias.

Como afirma Buoro (2002, p.34)

É imperativo investir numa prática que transforme esses sujeitos em interlocutores competentes, envolvidos em intenso e consistente diálogo com o mundo, estimulados para isso por conexões e informações que circulam entre verbalidade e visualidade.

No que diz respeito às obras de arte, é oportuno salientar que o processo da leitura e da apropriação do conteúdo da imagem se dará pela compreensão da obra na sua totalidade.

Silvio Zamboni (1998, p.54) reforça esta questão ao afirmar que “ [...] o ver em sentido mais amplo requer um grau de profundidade muito maior, porque o indivíduo tem, antes de tudo, de perceber o objeto em suas relações com o sistema simbólico que lhe dá significado.”

Nesta perspectiva, outro aspecto essencial é a necessidade premente de o professor possuir uma fundamentação teórica na área da história da arte, e conseqüentemente em história geral e das sociedades. De outra maneira a contextualização, elemento fundamental para se desvelar o papel da Arte na sociedade estará comprometido.

De posse destes subsídios, o aluno poderá compreender o processo de produção artística no que tange às idéias e também aos diferentes suportes e técnicas utilizadas pelos artistas e partir para a reelaboração do trabalho visto. Este processo de reelaboração não pode ser confundido com a cópia, que é o aprimoramento técnico, destituído de interpretação ou criação e centrado na reprodução, mas sim, visto como a possibilidade da utilização da linguagem da Arte como forma de expressão e de comunicação.

São trabalhadas a partir da apropriação dos elementos da linguagem artísticas já existentes, bem como das técnicas implícitas no trabalho de estruturação artística, aonde o aluno vai desconstruir a produção existente, através da leitura e da discussão, relacionando-a ao seu universo pessoal e cotidiano para posteriormente reconstruir este trabalho, buscando soluções a partir do conhecimento artístico já sistematizado historicamente.

É importante ressaltar que a produção artística não se dá como um processo isolado, mas faz parte de um todo no qual o apreciador tem um papel fundamental na relação entre o artista e a sua produção, quando diferentes sujeitos se apropriam do sentido da obra de arte.

Para Vazquez (1978, p.253)

Se aplicarmos isto à criação artística, resultará que o produto artístico somente realiza sua verdadeira essência quando é compartilhado por outros. O artista, evidentemente, se expressa se objetiva em sua obra, e com isto satisfaz uma necessidade própria concreta, mas seu modo de satisfazê-la exige, por sua vez, a satisfação da necessidade de outros. [...] Assim, pois, como todo produto, não é apenas ponto de chegada, mas também ponto de partida de um novo processo: não é meta definitiva, mas caminho que, ao ser percorrido, coloca em relação diversos sujeitos, épocas ou mundo humanos. E, por outro lado, é um caminho sempre aberto, que pode ser percorrido várias vezes, deixando viva e aberta a comunicação humana, ainda que se modifiquem os sujeitos individuais, as sociedades, as épocas, as idéias, ou os interesses humanos concretos.

Assim, o trabalho criador somente se objetiva quando o artista cria um objeto para satisfazer as suas necessidades de expressão e quando outros se apropriam da sua obra, no ato de fruição.

No caso do ensino da arte, a finalidade está na interação entre o conhecimento artístico e os sentidos estéticos que irão possibilitar a construção de uma educação em arte, onde apenas um saber consciente torna possível a apropriação do conhecimento e a aprendizagem dos sentidos.

Referências

BUORO, Anamélia. **Olhos que pintam : a leitura da imagem e o ensino da arte.** São Paulo : Educ / Fapesp / Cortez, 2002.

DUARTE JR., João-Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas : Papyrus, 1986.

_____. **O sentido dos sentidos : a educação (do) sensível.** Curitiba : Criar, 2000.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995

PEIXOTO, Maria. Inês. **Arte e grande público : a distância a ser extinta.** Campinas, SP : Autores Associados, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica : primeiras aproximações.** / 8. ed.. revisada e ampliada – Campinas, SP : Autores Associados, 2003.

SUCHODOLSKI, Bodgan. **La educación humana del hombre : De la filosofía del hombre y la civilización a los nuevos fundamentos pedagógicos de la época de las revoluciones.** Badalona, Barcelona : Editora Laia, 1977

VAZQUEZ, Adolfo Sanches. **As idéias estéticas de Marx.**; trad. Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte : um paralelo entre arte e ciência.** Campinas : SP : Autores Associados, 1998.

Josélia Schwanka Salomé

Doutoranda em Artes Visuais pela UNICAMP, (orientador Prof. Dr. João-Francisco Duarte Jr.); Mestre em Educação pela UTP; Especialista em Arte e Educação pela UTP, Graduada em Educação Artística pela UFPR, Graduada em Dança PUC/PR. Coordenadora do Curso de Artes Visuais e professora adjunto da Universidade Tuiuti do Paraná – UTP.